

AS CAUDAS DA RAPOSA: ENSAIO TEÓRICO SOBRE *INARI* E SUA CONCEPÇÃO COMO DIVINDADE JAPONESA

FOX'S TAILS: THEORETICAL ESSAY ABOUT INARI AND ITS CONCEPTION AS A JAPANESE DIVINITY

Allan Nywner Praia Mendonça¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo principal demonstrar um panorama geral sobre a divindade japonesa *Inari*, levando em consideração a carga cultural importada juntamente com as correntes ideológicas e culturais que levaram o Budismo e os *kanji* para o Japão, as correntes de acontecimentos dentro da história japonesa, que influenciaram de forma direta ou indiretamente a formação religiosa no Japão, e a visão da população japonesa com relação ao divino e ao culto em si.

Palavras-chave: *Mitologia. Shinto. Inari. Kitsune.*

ABSTRACT

This article aims to show an overview of the Japanese god Inari, considering the cultural influence imported with the ideological and cultural currents that led the Buddhism and the kanji to Japan, the events in Japanese history that influenced directly or indirectly religious training in Japan, and the view of the Japanese population in relation to the divine and the cult itself.

keywords: *Mythology. Shinto, Inari. Kitsune*

¹ Graduado em Letras e Literatura Japonesa pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e graduando em História.

Introdução

Quando se fala a respeito de *Inari*, a primeira coisa que vem à mente dos leitores é a imagem de uma raposa e *kitsune* é o nome pelo qual as raposas japonesas são conhecidas. Muito difundidas na literatura e no folclore nipônico, as raposas têm conquistado cada vez mais espaço no mundo dos *mangá* e dos *anime*, animações japonesas, principalmente entre as categorias mais rentáveis, como o *Shounen* (destinado aos adolescentes) e o *Shoujo* (destinado às garotas).

É evidente que muito dos mitos de raposas presentes no folclore japonês podem ser vistos na China, Coréia ou Índia. Entretanto, apesar da possibilidade de origem comum, a *kitsune* japonesa possui aparentemente características singulares em relação aos demais folclores, pois é quase sempre associada à uma divindade, *Inari*, assinalando assim uma identidade étnico-nacional nos contos relacionados à raposa no Japão.

Divindade do arroz e da fertilidade, por exemplo, *Inari* é a divindade japonesa que pode assumir a forma de uma raposa e utiliza-se da metamorfose como prenúncio de algo. Para os fiéis², ele era responsável por preencher a terra com o arroz, os mares com peixes e as montanhas e florestas com jogos e travessuras.

Com base nessas informações, o presente artigo faz um panorama da origem do culto à *Inari*, suas ramificações e sua posição antropológica dentro da sociedade japonesa, levando em consideração pontos importantes da história e suas manifestações culturais, com finalidade de criar conexões ideológicas que possam satisfazer os questionamentos presentes e criar novas demandas em relação ao *kami*³.

A jornada da raposa: A origem e evolução do culto

A origem do culto de *Inari* como divindade presente na cultura japonesa está intrinsecamente ligada à trajetória evolutiva das culturas humanas no mundo antigo oriental. Antes de tudo, é necessário lembrar a conexão de *Inari* com as raposas e que estas, assim como outros animais campestres existentes na realidade rural, acompanharam o desenvolvimento da agricultura em diferentes lugares do mundo.

O homem primitivo tinha relações próximas de convivência com animais, como os tigres, os lobos, os ursos e as raposas. A construção de um mito é fruto das interações da

² ROBERTS, Jeremy. *Japanese Mythology A to Z*. New York: Chelsea House, 1956.

³ Deus, divindade.

sociedade em conjunto com o meio. Nesse sentido, o livro *O Sagrado e o Profano*⁴, de Mircea Eliade, explora o mito como uma história sagrada, ou seja, um acontecimento primordial que teve um lugar no começo do tempo. Quando esta abordagem se dirige ao início do culto de *Inari*, é notável observar que a manifestação de cultos e rituais ligados ao arroz em território japonês remonta pelo menos três mil anos, quando a cultura do arroz fora introduzida no Japão durante o período Jomon. Entretanto, antes de uma abordagem teológica e estrutural da divindade, é necessário um olhar histórico e social sobre a origem do culto e suas raízes como rito organizado, e para tal é indispensável um olhar atencioso sobre o seu criador: o clã Hata.

O clã Hata (秦) chegou ao Japão durante o período Kofun e estabeleceu comunidades em diversos vilarejos e agrupamentos locais. De acordo com as pesquisas de Wontack Hong sobre o *Nibongi*, *Kung-wol*, o progenitor do clã, chegou ao território de Yamato em 403 da Era Comum, liderando uma população de 120 províncias⁵, ocupando a região da atual Kyoto. A rota utilizada por eles, pelo sudoeste da região de Izu⁶, era utilizada normalmente pelas famílias centrais poderosas e para a administração do *Tokoku* (Kanto) no período Ritsuryo. Em um reino recém fundado⁷, o clã logo adquiriu prestígio suficiente para tornar-se responsável pela produção de sericultura e seda destinada à corte, onde o clã já era constituído por mais de 18.000 pessoas⁸. Vale destacar que, segundo as pesquisas de Wontack, a corte recém estabelecida possuía ligações diretas com as famílias reais coreanas⁹, e que tal fato facilitou o

⁴ ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Editora Fontes, 2010.

⁵ WONTACK, Hong. *Ancient Korea-Japan Relations: Dating the Formative Years of the Yamato Kingdom (366-405 CE) by the Samguk-sagi Records and Reinterpreting the Related Historical Facts*. The Open Area Studies Journal. Vol. 02. Seoul National University, 2009. p. 19.

⁶ HASHIGUCHI, Naotake. *The Izu Islands: Their role in the historical development of ancient Japan*. Asian Perspectives, Vol. 33. University of Hawai'i, 1994.

⁷ Wontack postula que, de acordo com o *Nibongi*, Paekche enviou o príncipe coroado Chŏn-ji para a corte de Yamato no “oitavo ano do reinado de Ōjin”. O *Samguk-sagi* relata que o príncipe coroado foi enviado para a corte de Yamato em 397. De acordo com o *Nibongi*, o rei Asin de Paekche morreu “no décimo sexto ano do reinado de Ōjin”, e o *Samguk-sagi* declara que Asin morreu em 405. De acordo com o *Nibongi*, o príncipe coroado Homuda subiu ao trono em 270. Todos os fatos implicam que Ōjin fundou o reino de Yamato em 390 e este foi o primeiro ano de seu reinado. WONTACK, Hong. p. 18.

⁸ WONTACK, Hong, p. 19.

⁹ The *Shinsen Shōjiroku* records the progenitors for the 1,182 Yamato ruling clans (*uji*) living in the capital and five surrounding provinces. The preface of the Register states that since the *Ma-hito* is the sovereign one among the imperial clans, the *Ma-hito* clans in the capital region are presented at the very beginning of the imperial group in Book One. The first four *Ma-hito* imperial clans were recorded as descendants of Homuda, the fifth clan as descendants of Keitai, the seven following *Ma-hito* clans as descendants of Bidatsu; then the following eight *Ma-hito* imperial clans (i.e., thirteenth to twentieth) were recorded as the descendants of “the Prince of Paekche.” However, the twelfth, that is, the *Ma-hito* clan immediately preceding those recorded as the descendants of the Prince of Paekche, was recorded as the descendant of Bidatsu and also as the offspring of the King of Paekche. In other words, “the descendants of Bidatsu” are equivalent to “the offspring of the King of Paekche”. According to the *Nibongi*, Bidatsu was the second child of Kimmei, who was the rightful heir of Keitai, who in turn was “a descendant in the fifth generation” of Ōjin (Homuda). Thus, the Register is in effect recording that the entire *Ma-hito* imperial clan, from the first to the twentieth, were the offspring of “the King of Paekche.” This implies that the entire Ōjin line of Yamato imperial families originated from Paekche royal families. WONTACK, Hong, p. 19.

acesso e a assimilação de migrações posteriores, como o ocorrido com o clã Hata, Aya e diversos outros, fruto de uma intensa transformação cultural e geográfica que vinha ocorrendo no continente: com a queda do Império Chinês¹⁰ no quarto século, muitos refugiados haviam fugido para a península coreana, levando consigo a sua cultura, incluindo o Budismo¹¹.

A entrada da religião budista no território coreano não ocorreu de forma uniforme¹², em parte por causa das constantes guerras e pela própria geografia da península, não levando em consideração o impacto da nova doutrina frente ao Xamanismo coreano¹³, o que acentuou as diferenças entre os reinos coreanos. O Budismo só chegaria oficialmente ao Japão em 538¹⁴, via Paekche, e todos os três reinos contribuíram para a formação religiosa no país, onde já havia a presença de seis seitas até o período Nara.

A posição e a permanência dos clãs imigrantes, bem como sua visão política e cultural refletiam sua origem continental. Em uma Coréia dividida e com conflitos armados constantes, era natural que esses conflitos fossem “importados” na bagagem das casas coreanas estabelecidas no território japonês. Com a China unida pela dinastia Sui, em 589, e a dinastia Tang emergindo, em 618, a política externa afetara diretamente o contato entre os três reinos, em especial a relação entre Paekche e Silla¹⁵.

Durante esse período, o Japão havia desenvolvido uma relação quase que exclusiva com Paekche, que através do século VI havia introduzido professores, como os “Doutores dos Cinco Clássicos Chineses” e culturas avançadas, como filosofia e o próprio Budismo. No entanto, a imagem do monopólio político-religioso de Paekche estava manchada pela presença marcante de clãs pró-Silla dentro da corte de Yamato, em especial, o clã Hata. No cenário do final do século VII, a corte japonesa estava dividida quanto às relações diplomáticas com os reinos coreanos e continuaria assim até a vitória de Silla.

Após a unificação da Coréia sob o estandarte de Silla em 676, o clã Hata aumentou o seu prestígio dentro da corte de Yamato. O clã já havia desenvolvido a escola Hossō, que

¹⁰ Em especial a parte Ocidental de Jin em 317. KOUDELA, Pál. *The role of Korea in cultural transmission between China and Japan during Three Kingdoms Period*. Prague Papers on History of International Relations. Praga, 2014, p. 07.

¹¹ While Buddhism may have come into Korea much early, the official date of its arrival is said to be 372, when a Chinese monk arrived in Koguryo bringing with him Buddhist scriptures and images. KOIZUMI, Tetsunori. *Adoption and Adaptation of an Imported Culture: Buddhism in Thailand and Korea*. Society and Culture: Journal of the Socio-Cultural Institute of Ryukoku University, Japan, 2004.

¹² Koguryō and Paekche accepted Buddhism in the 4th century and Silla in 527. The new religion was introduced to P’yōngyang by the Monk Sundo from the former Chinese Qin, to Koguryō in 372 AD. In 384 AD an Indian monk from Xinjiang, called Mālānanda, brought Buddhism to Paekche’s Hanseong.

¹³ KOUDELA, Pál. *The role of Korea in cultural transmission between China and Japan during Three Kingdoms Period*. Prague Papers on History of International Relations. Praga, 2014, p. 08.

¹⁴ KOUDELA, Pál. p. 17.

¹⁵ LEE, Jae-seok. *Diplomatic stances of Japan in the 7th century: Rivalry between the Pro-Silla and Pro-Baekje factions*. The journal of Northeast Asian History. Vol. 07-02. Seoul, 2010.

baseada nos ensinamentos da escola Shelun de Silla, fora a base para o desenvolvimento da escola Kegon, que era uma forte representante do Huayen de Silla¹⁶. O clã havia contribuído com a construção de Kyoto, com os templos de Kōryūji (construído em 603) e Matsunō Taisha (construído em 701), mas sua maior obra fora a construção de Fushimi Inari Taisha em 711¹⁷, ano do desenvolvimento oficial do culto ao deus do arroz, *Inari*.

Os ritos ligados ao arroz remontam ao período da implantação de sua cultura em território japonês, entretanto, desde a fundação do culto em 711, os ritos agrícolas ligados a *Inari* tornaram-se muito populares entre os fazendeiros e camponeses, uma vez que o arroz era a base alimentar e a moeda de troca na época. Durante o período Heian¹⁸, *Inari* adquiriu notoriedade como protetor dos campos contra os desastres naturais, como enchentes e pestes, padrão que era encontrado em outras culturas agrícolas, como no culto da deusa indiana *Lakshmi* ou *Dewi Sri*, de Java, como postula Jeremy Roberts¹⁹.

O culto evoluiu e a associação do *kami* com cultos de fertilidade fez com que incorporasse novas características, como o de patrono de ritos afrodisíacos²⁰ realizados por grupos especializados²¹ de *Miko* nos santuários de *Inari*. O culto permaneceu em alta durante todo o período medieval, adquirindo ares de divindade urbana²² com o êxodo rural ocorrido durante o período Edo. Muitos santuários foram erguidos na nova capital, levados ao círculo urbano por samurais, curandeiros, monges andarilhos e grupos de *Miko* e a proliferação do culto foi muito favorecida pela arte popular produzida naquele período²³, como histórias de fantasmas, xilogravuras e peças do teatro *Kabuki*.

¹⁶ Many eminent monks traveled to China and India and brought back to Korea new Buddhist doctrines, establishing various sects. Among them were Hyon'gwang (531-630) who brought back the Ch'ont'ae (T'ient'ai in Chinese, Tendai in Japanese) doctrine, Uisang (620-60) who introduced the Hwaom (Hua-Yen in Chinese, Kegon in Japanese) doctrine and Wonhyo (617-86) who propagated the Chongt'o (Chingt'u in Chinese, Jodo in Japanese) doctrine. KOIZUMI, Tetsunori. *Adoption and Adaptation of an Imported Culture: Buddhism in Thailand and Korea*. Society and Culture: Journal of the Socio-Cultural Institute of Ryukoku University, Japan, 2004.

¹⁷ KARGUT, Kim. *Animating Inari: Visions of contemporary Shintō in Inari, konkon, koi iroha*. College of Graduate studies and research. University of Saskatchewan, 2015.

¹⁸ HEINE, Steven. *From Rice Cultivation to Mind Contemplation: The Meaning of Impermanence in Japanese Religion*. History of Religions. Maio, 1991.

¹⁹ ROBERTS, Jeremy. *Japanese Mythology A to Z*. New York, Chelsea House, 1956.

²⁰ During the premodern period, the Miko employed at shrines to Inari [...] appear

²¹ MEEKS, Lori. *The Disappearing Medium: Reassessing the Place of Miko in the Religious Landscape of Premodern Japan*. History of Religions Vol. 50. University of Chicago, 2011.

²² Inari remained significant to farmers, but they also drew in the merchant class, who were eager for commercial success. As the protector and promoter of modern business, Inari shrines experienced an unprecedented boom during the Edo period (1603-1868). NAKAGAWA, Sugane. *Inari Worship in Early Modern Osaka*. Osaka: The Merchants' Capital of Early Modern Japan. Ithaca & London: Cornell University Press, 1999.

²³ KARGUT, Kim. 2015. p. 24.

Com o êxodo rural, as lendas e mitos diversos com relação às raposas se misturaram e adquiriram um patamar mais místico²⁴ ao adentrar o campo urbano, território onde as tendências filosóficas e religiosas do continente aglomeravam teorias, onde *Inari* começou a ser associada ao termo *dākin*²⁵, que na doutrina budista eram divindades femininas ligadas à prosperidade, fartura e proteção do lar, características que ainda permanecem carregadas pelo culto.

A toca da raposa: Fushimi Inari Taisha

Construído por volta do ano 711 da era comum nas redondezas de Kyoto²⁶, o templo principal de *Inari*, Fushimi Inari Taisha, é um dos mais belos santuários do Japão. Este abrange uma área de 870.000 metros quadrados ao pé oeste do monte Inari, que se encontra a 233 metros acima do nível do mar.

Uma característica particular deste santuário é a longa série de portais, chamada de *Senbon-torii*²⁷. Dada a importância que o arroz tinha, e que ainda possui atualmente, os santuários dedicados a *Inari* são muito comuns na cultura japonesa, com aproximadamente 40.000 templos em território japonês, dos quais o santuário de Kyoto, com seus mais de 1.300 anos, é o proeminente original.

O santuário²⁸ fora estabelecido no primeiro dia do cavalo do segundo mês de 711, fundado por Hata no Irogu (秦公伊呂具), e segundo o *Yamashiro no Kuni Fudoki*, texto do início do século VIII, o clã Hata seria de fato o clã fundador do santuário.

Segundo a lenda da origem do santuário descrita por Heine²⁹, certo dia Hata no Irogu planejou treinar sua pontaria com o arco, e decidiu usar um *mochi* como alvo. Quando ele estava prestes a atirar, o *mochi* virou um pássaro branco que, voando até o Monte Inari, finalmente transformou-se em um pequeno arrozal.

²⁴ The belief in foxes' mastery over fire also contributed to the Edo boom of Inari shrines. Edo was the largest city in the world in the 18th century and most people lived in houses made of wood and paper, which made fire a great threat. KARGUT, Kim. *Animating Inari: Visions of contemporary Shintō in Inari, konkon, koi iroha*. College of Graduate studies and research. University of Saskatchewan, 2015.

²⁵ SMYERS, Karen Ann. *The Fox and the Jewel: Shared and Private Meanings in Contemporary Japanese Inari Worship*. Honolulu, University of Hawaii Press, 1999.

²⁶ Kyoto foi a capitã do Japão de 794 – 1868. Durante o período Kamakura (1185 – 1333), a capital funcional do Japão estava localizada em Kamakura, enquanto o imperador permanecia em Kyoto. HENSHALL, Kenneth G. *História do Japão*, Pentaedro, 2011.

²⁷ Literalmente “Mil *Torii*”, *Senbon-torii* é um conjunto de portais que começou a ser construído no período Edo (1603-1867) por pessoas que, segundo a tradição, tiveram seus desejos atendidos pela divindade. 10.000 desses *Torii* apresentam inscrições a respeito desta devoção. *Highlighting Japan*, Janeiro, 2011.

²⁸ ROBERTS, Jeremy. *Japanese Mythology A to Z*. New York, Chelsea House, 1956.

²⁹ HEINE, Steven. *Zen Skin, Zen Marron: Will the Real Zen Buddhism Please Stand Up?*. Oxford University Press. New York, 2008. p. 111

Com a elevação de Kyoto a capital em 794³⁰, o santuário ficou sob a supervisão de Kōbō Daishi (弘法大師, 774-835), que depois viria a fundar a escola budista Shingon³¹. Com a associação de Inari com o templo Tōji³², uma segunda versão da criação do santuário fora transmitida, agora pela linha budista Shingon e tendo como protagonista Kōbō Daishi.

Durante o período Heian, Fushimi Inari Taisha foi movido para a base do Monte Inari³³, tornando-se um dos santuários mais importantes para o governo em 942³⁴. Durante todo o período medieval o santuário se fortaleceu e deu origem a outros, pelo processo de divisão espiritual do *kami*, em japonês *kanjō*³⁵ (勧請).

O complexo de Fushimi Inari Taisha foi incendiado no ano de 1468³⁶, durante a Guerra Ōnin³⁷, e o templo principal foi reconstruído em 1499. Toyotomi Hideyoshi (1536 – 1598) fez uma grande doação ao santuário, que resultou na construção de seu grande portão duplo em 1589, entretanto, não surtiu grande efeito frente à grande caminhada da população rumo à Edo nos séculos seguintes, tornando o santuário obsoleto por certo tempo.

A partir da era Meiji, Fushimi Inari Taisha foi diretamente afetado pelas reformas do nacionalismo japonês, o que prejudicou diretamente os registros do santuário, que foram destruídos, reescritos ou distorcidos, postula Heine³⁸.

³⁰ HENSHALL, Kenneth G. *História do Japão*, Pentaedro, 2011.

³¹ When Shilla conquered other kingdoms in 668, Buddhism emerged as the central cultural force for the Peninsula. The unification of three kingdoms by Shilla in 676 would stimulate the emergence of new sects such as the Son (Ch'an in Chinese, Zen in Japanese) and the Chin'on (Chen-Yen in Chinese, Shingon in Japanese). KOIZUMI, Tetsunori. *Adoption and Adaptation of an Imported Culture: Buddhism in Thailand and Korea*. Society and Culture: Journal of the Socio-Cultural Institute of Ryukoku University, Japan, 2004.

³² In 823 CE, Kūkai became the abbot of Tōji 東寺 (796 CE), the Shingon temple which held pride of place to serve to protect the nation during the Heian period. Accordingly, Kūkai designated Inari as the protector deities of Tōji and enshrined them. This connection between Fushimi Inari Taisha and Tōji is referenced in the Buddhist account of Fushimi Inari Taisha's founding. KARGUT, Kim. *Animating Inari: Visions of contemporary Shintō in Inari, konkon, koi iroha*. College of Graduate studies and research. University of Saskatchewan, 2015.

³³ Fushimi Inari Taisha was moved to the foot of Inari Mountain in 816 CE, where it became a prime spot for local farmers to worship. During the Heian Period, Fushimi Inari Taisha quickly became the subject of imperial patronage. KARGUT, Kim. *Animating Inari: Visions of contemporary Shintō in Inari, konkon, koi iroha*. College of Graduate studies and research. University of Saskatchewan, 2015.

³⁴ NAKAGAWA, Sugane. *Inari Worship in Early Modern Osaka*. Osaka: The Merchants' Capital of Early Modern Japan. Ithaca & London: Cornell University Press, 1999.

³⁵ Kanjō is the ceremonial transfer of a kami's divided spirit to a new location. This divided spirit, or bunrei 分霊, is considered to be both permanent and alive. Kanjō is often likened to using a burning candle to light a new one, as the bunrei is not considered to be lesser in power. KARGUT, Kim. *Animating Inari: Visions of contemporary Shintō in Inari, konkon, koi iroha*. College of Graduate studies and research. University of Saskatchewan, 2015.

³⁶ During the Ōnin War 応仁の乱 (1467-1477), Fushimi Inari Taisha suffered its largest setback when its shrine complex was burned down. This caused the loss of Fushimi Inari Taisha's historical data, therefore the shrine's complete history is difficult to determine. HEINE, Steven. *Zen Skin, Zen Marrow: Will the Real Zen Buddhism Please Stand Up?*. Oxford University Press. New York, 2008.

³⁷ A inconclusiva guerra civil Ōnin (1467-1477), entre as famílias provinciais, devastou a região de Kyoto, e incapacitou o shogunato de reprimir a inquietação civil. Os próximos 100 anos ficariam conhecidos como *Sengoku* (Estados em Guerra). HENSHALL, Kenneth G. *História do Japão*, Pentaedro, 2011. p. 62, 63.

³⁸ HEINE, Steven. 2008.

Por motivo da sua ligação com o Budismo da escola Shingon, o santuário de Fushimi Inari Taisha funcionava tanto como um santuário xintoísta quanto como templo budista, entretanto, com a instauração da reforma *shinbutsu bunri*, o templo da escola Shingon situado dentro do santuário, chamado *Aizen-ji*, foi removido forçadamente com fins de manter o santuário como uma instituição inteiramente xintoísta³⁹. Em 1871 o santuário das três divindades de Fushimi Inari Taisha foi erguido sob o nome de *Kampei Taisha* (官幣大社), título mais importante dentro da escala nacional de santuários japoneses⁴⁰.

A Alcateia e seus filhotes: A relação de *Inari* com outras divindades no Japão atual

Segundo contam as lendas nipônicas⁴¹, principalmente as que constam no *Kojiki*, todos os anos essa divindade, representada tanto com forma feminina quanto masculina, descia das montanhas em direção aos campos de arroz. Assumia a forma de uma aranha para atormentar os maus e ensiná-los a comportar-se bem. Para os fiéis, *Inari* era responsável por preencher a terra com o arroz, os mares com peixes e as montanhas e florestas com jogos e travessuras. Artistas costumam representar *Inari* como um velho homem ou como uma jovem mulher de cabelos longos e esvoaçantes. *Inara*, versão feminina desta divindade, é homenageada em cada primavera, quando o cultivo do arroz começa. No panteão japonês⁴², *Inari* é casado com *Ukemochi*, formando o casal divino responsável pela fertilidade da terra e a comida das mesas; em algumas lendas, eles sempre se confundem.

Segundo a lenda⁴³, uma vez *Amaterasu* havia enviado *Tsukuyomi* para representá-la em uma festa apresentada por *Inari*. O deus fez a comida da seguinte forma: voltando-se para o oceano, cuspiu um peixe, em seguida, de frente para a floresta, um jogo saiu de sua boca, e, finalmente, virou-se para uma plantação de arroz e cuspiu uma tigela de arroz. *Tsukuyomi* ficou totalmente revoltado com o fato de que, embora parecesse requintada, a refeição foi feita de forma muito repugnante, e por isso ele assassinou *Inari*. De seu cadáver, nasceram plantas, comida e bichos-da-seda. *Amaterasu* ficou muito chateada com *Tsukuyomi* por causa

³⁹ HEINE, Steven. *Zen Skin, Zen Marrow: Will the Real Zen Buddhism Please Stand Up?*. Oxford University Press. New York, 2008.

⁴⁰ KARGUT, Kim. *Animating Inari: Visions of contemporary Shintō in Inari, konkon, koi iroba*. College of Graduate studies and research. University of Saskatchewan, 2015.

⁴¹ ROBERTS, Jeremy. *Japanese Mythology A to Z*. New York, Chelsea House, 1956.

⁴² SMYERS, Karen Ann. *The Fox and the Jewel: Shared and Private Meanings in Contemporary Japanese Inari Worship*. Honolulu, University of Hawaii Press, 1999.

⁴³ ROBERTS, Jeremy. 1956. p. 23

deste fato e o banii para outra parte do céu, sendo este o motivo do dia e da noite nunca estarem juntos no céu.

Inari e *Ukemochi* representam, respectivamente, o alimento em sua fase bruta e a fase preparada; o arroz que brota nos campos e o Saquê servido nas mesas. Segundo Mircea Eliade⁴⁴, o fenômeno social e cultural conhecido como matriarcado está ligado à descoberta da agricultura pela mulher, por outro lado, a provisão anterior a cultura agrícola e a administração desses recursos eram feitas pelo homem. Em outras religiões, a criação cósmica, ou pelo menos a sua realização, é o resultado de uma hierogamia⁴⁵ entre deuses primordiais.

Atualmente, o culto de *Inari* possui 40.000 santuários, o que torna o culto de *Inari* maior do que qualquer outro tipo de Shinkō⁴⁶. Um dos pontos peculiares do culto na atualidade é que, ao contrário da forma tradicional e difundida do Xintoísmo, este não possui uma forma organizada em santuários centrais, como o que ocorre com o santuário de *Amaterasu* em Ise, dando ao culto um ar de singularidade. Geralmente, têm-se como santuários principais: Fushimi Inari Taisha, em Kyoto, Myōgon-ji, em Totokawa, com o terceiro santuário variando de acordo com a opinião de cada devoto⁴⁷.

Por causa da divisão espiritual pelo processo de *kanjō*, *Inari* fora associado a outras divindades agrícolas regionais, cultuadas nas mais diversas cidades e vilarejos do território japonês. Tais divindades passariam a ser consideradas manifestações individuais de *Inari*; nesse sentido, *Inari* não seria uma divindade, mas sim um conjunto de diversas divindades agrícolas regionais⁴⁸. Entretanto, a forma padronizada no período Meiji mantém três divindades principais, as quais possuem santuários específicos dentro do grande santuário de Fushimi Inari Taisha, sendo elas: *Uganomitama no Ōkami* (宇迦之御魂大神), *Sadabiko no Ōkami* (佐田彦大神) e *Ōmiyanome no Ōkami* (大宮能売大神)⁴⁹. Algumas vezes *Inari* pode ser associado a cinco

⁴⁴ 2010, p.121.

⁴⁵ Do grego *τερογαμία*, significa “casamento sagrado”, onde ocorre a cópula entre divindades distintas ou entre um deus e um mortal. É um dos temas centrais do livro *O Sagrado e o Profano* 2010, p. 121, 122.

⁴⁶ Despite its size, endurance, and pervasive cultural resonances, *Inari/fox worship* is generally classified as an example of *shinkō* 信仰, a cult based on folk beliefs and practices, as opposed to a *shūkyō* 宗教, a sect officially affiliated and registered with one of the major traditions, Shinto or Buddhism. Whereas a *shūkyō* has one main temple or shrine that oversees numerous branch institutions, while often allowing for tremendous regional diversity and flexibility of interpretation or application of doctrine, a *shinkō* refers to a loose-knit, diffused network of associations and amalgamations without a clear, official center of authority. Although it played such a key role early on, the Fushimi Inari shrines have remained at least quasi-independent. HEINE, Steven. *Zen Skin, Zen Marrow: Will the Real Zen Buddhism Please Stand Up?*. Oxford University Press. New York, 2008.

⁴⁷ SMYERS, Karen Ann. *The Fox and the Jewel: Shared and Private Meanings in Contemporary Japanese Inari Worship*. Honolulu, University of Hawaii Press, 1999.

⁴⁸ KARGUT, Kim. *Animating Inari: Visions of contemporary Shintō in Inari, konkon, koi iroha*. College of Graduate studies and research. University of Saskatchewan, 2015.

⁴⁹ SMYERS, Karen Ann. *My own Inari: Personalization of Deity in Inari worship*. Japanese Journal of Japanese Studies. 23th Edition. Princeton University, 1996.

divindades, mas a variação chega a ser infinita, mas as associações mais frequentes levam aos nomes de divindades anteriormente citadas com mais frequência.

Dando à luz uma raposinha: O processo de *kanjō*

Nenhuma divindade japonesa fora dividida e reestabelecida tantas vezes pelo processo de *kanjō* como *Inari* o foi, postula Smyers⁵⁰. Como em uma olimpíada, uma chama era transportada de um santuário para outro, com a finalidade de consagrar ou elevar o segundo. O primeiro processo de *kanjō* documentado é do início do período Heian, quando um oficial chamado Ono no Takamura (802 – 853), levou consigo um pequeno santuário (*wakemitama*) para Tōhoku, onde o mesmo serviu como governador⁵¹. Ao retornar para Kyoto, a população lhe pediu que deixasse o santuário ali, e assim surgiria o santuário de Takegoma Inari.

O processo foi muito praticado entre santuários de pequeno porte, até que em 1194 o imperador Gotoba (1183-1198) erradicou todas as formas de *kanjō* não autorizadas pelo santuário de Fushimi Inari Taisha, que passaria a ser o único responsável pelo processo. Com o nascimento do nacionalismo japonês, todos os santuários antigos consagrados por processo de *kanjō* realizado pelos clérigos de Fushimi Inari Taisha, agora fariam parte do *Kampeitai* (官幣大社)⁵². O governo proibiu o processo de *kanjō*, que por força da população e dos clérigos de Fushimi Inari Taisha, continuou sendo realizado, sob o nome de *shinpu* (神札)⁵³.

Considerações Finais

Assim como as raposas do folclore possuem a habilidade de mudar de forma, o culto de *Inari* conseguiu sobreviver aos séculos adaptando-se e adaptando o meio aonde o mesmo estava situado, chegando aos dias atuais com a mesma intensidade e com uma fama que inspirou peças, pinturas, livros e que, ainda hoje, continua a inspirar filmes e animações, deixando um legado não somente para o agora, mas para infinitas gerações futuras.

⁵⁰ SMYERS, Karen Ann. *The Fox and the Jewel: Shared and Private Meanings in Contemporary Japanese Inari Worship*. Honolulu, University of Hawaii Press, 1999.

⁵¹ KARGUT, Kim. *Animating Inari: Visions of contemporary Shintō in Inari, konkon, koi iroha*. College of Graduate studies and research. University of Saskatchewan, 2015

⁵² SMYERS, Karen Ann. *My own Inari: Personalization of Deity in Inari worship*. Japanese Journal of Japanese Studies. 23th Edition. Princeton University, 1996.

⁵³ When the government stopped the practice of *kanjo* at all shrines in Japan the priests at Fushimi petitioned, arguing that shrine income depended heavily on the practice, that the custom had existed “from long ago” (accounting for Inari’s wide dispersion throughout the country), and that devotees were clamoring for the return of the practice. The government finally relented, but forced the shrine to change its terminology so it would not appear that only Fushimi Inari Taisha was being allowed to continue *kanjo* (which was, in fact, the case). Now, instead of *wakemitama*, the divided spirit was called a *shinpu*, a “sacred talisman”. SMYERS, Karen Ann. *My own Inari: Personalization of Deity in Inari worship*. Japanese Journal of Japanese Studies. 23th Edition. Princeton University, 1996.

Referências

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. 3ª edição. São Paulo, Editora WMFM. Fontes, 2010.

HASHIGUCHI, Naotake. *The Izu Islands: Their role in the historical development of ancient Japan*. Asian Perspectives, Vol. 33. University of Hawai’I, 1994.

HEINE, Steven. *From Rice Cultivation to Mind Contemplation: The Meaning of Impermanence in Japanese Religion*. History of Religions. Maio, 1991.

HEINE, Steven. *Zen Skin, Zen Marrow: Will the Real Zen Buddhism Please Stand Up?*. Oxford University Press. New York, 2008.

HENSHALL, Kenneth G. *História do Japão*. Pentaedro, 2011.

HOLLAND, Glenn Stanfield. *Gods in the desert: religions of the ancient Near East*. Rowman & Littlefields publishers, inc. United Kingdom, 2009.

KATO, Kenkichi. *Hatauji and their people*. Hakusuisha; Tokyo, 1998.

KARGUT, Kim. *Animating Inari: Visions of contemporary Shintō in Inari, konkon, koi iroba*. College of Graduate studies and research. University of Saskatchewan, 2015.

KLEIN, Richard G. *O despertar da cultura: A polêmica teoria sobre a origem da criatividade humana*. Jorge Zahar Editora. Rio de Janeiro, 2005.

KOIZUMI, Tetsunori. *Adoption and Adaptation of an Imported Culture: Buddhism in Thailand and Korea*. Society and Culture: Journal of the Socio-Cultural Institute of Ryukoku University, Japan, 2004.

KOUDELA, Pál. *The role of Korea in cultural transmission between China and Japan during Three Kingdoms Period*. Prague Papers on History of International Relations. Praga, 2014.

LEROI-GOURHAN, André. *As religiões da pré-história*. Lisboa: Edições 70, 2007.

- LEE, Jae-seok. *Diplomatic stances of Japan in the 7th century: Rivalry between the Pro-Silla and Pro-Baekje factions*. The journal of Northeast Asian History. Vol. 07-02. Seoul, 2010.
- MARQUES-RIVIERE, Jean. *Amulettes, talismans et pentacles dans les traditions orientales et occidentales*. Paris, 1938.
- MEEKS, Lori. *The Disappearing Medium: Reassessing the Place of Miko in the Religious Landscape of Premodern Japan*. History of Religions Vol. 50. University of Chicago, 2011.
- MITFORD, Algernon Bertram Freeman. *Tales of Old Japan*. Lord Redesdale (1871). London.
- MORGAN, Lewis. [1877]. *A sociedade antiga*. In. *Evolucionismo Cultural – Textos de Morgan, Tylor e Frazer*. (Organizador Celso Castro). Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- NAKAGAWA, Sugane. *Inari Worship in Early Modern Osaka*. Osaka: 'The Merchants' Capital of Early Modern Japan. Ithaca & London: Cornell University Press, 1999.
- NITO, Atsushi. *Ancient Kingship and City Castle*. Yoshikawa Kobunkan. Tokyo, 1998.
- ROBERTS, Jeremy. *Japanese Mythology A to Z*. New York, Chelsea House, 1956.
- SMYERS, Karen Ann. *My own Inari: Personalization of Deity in Inari worship*. Japanese Journal of Japanese Studies. 23th Edition. Princeton University, 1996.
- SMYERS, Karen Ann. *The Fox and the Jewel: Shared and Private Meanings in Contemporary Japanese Inari Worship*. Honolulu, University of Hawaii Press, 1999.
- WAUGH, Daniel. *The Silk Roads in History*. Expedition journal of the University of Pennsylvania Museum of Archaeology and Anthropology. Pennsylvania, 2010.
- WONTACK, Hong. *Ancient Korea-Japan Relations: Dating the Formative Years of the Yamato Kingdom (366-405 CE) by the Samguk-sagi Records and Reinterpreting the Related Historical Facts*. The Open Area Studies Journal. Seoul National University, 2009.
- WONTACK, Hong. *Yayoi Wave, Kofun Wave, and Timing: the Origin of the Japanese People and Japanese Language*. Korean Studies, vol. 29. University of Hawaii, 2005.
- YAMASHIRO, José. *Pequena História do Japão*. São Paulo, Editora Herder, 1964.
- YANG, Juping. *The relations between China and India and the Opening of the Southern road during the Han Dynasty*. The Silkroad journal, vol. 11. San Diego, 2013.

Recebido em: 15/11/2019.

Aprovado em: 15/12/2019.